

## ***O TEMPO E O VENTO: ROMANCE HISTÓRICO E ROMANCE POLÍTICO***

Donizeth Santos \*<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo apresenta uma análise da especificidade da trilogia “O tempo e o vento”, de Erico Veríssimo, formada pelos romances “O continente” (1949), “O retrato” (1951) e “O arquipélago” (1962)<sup>2</sup>, em razão de que muitos críticos literários consideram apenas o primeiro romance como histórico e não a trilogia como um todo. Partindo dessa problemática, reflete-se sobre a especificidade de “O retrato” e “O arquipélago”, concluindo-se que os dois romances quando analisados em separado de “O continente” perdem a condição de romance histórico e se tornam romances políticos devido à contemporaneidade e à predominância das ideias políticas em suas páginas, mas, quando analisados juntos, verifica-se que a trilogia possui todas as principais características do romance histórico e, por isso, deve ser considerada como tal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Brasileira; Romance histórico; Romance político

**ABSTRACT:** This paper presents an analysis of the specificity of the trilogy “O tempo e o vento”, written by Erico Verissimo, formed by the novels “O continente” (1949), “O retrato” (1951) and “O arquipélago” (1962), in reason that many literary critics consider only the first novel as historical and not the trilogy as a whole. Based on this problem, it reflects about the uniqueness of “O retrato” and “O arquipélago”, concluding that the two novels when analyzed separately from “O continente” lose the status of historical novels and become political ones due to the contemporary and the dominance of political ideas that their pages have, but, when analyzed together, it can be seen that the trilogy has all the main features of a historical novel and therefore should be considered as such.

**KEY WORDS:** Brazilian Literature; Historical novel; Political novel

A trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, formada pelos romances *O continente* (1997), *O retrato* (1997) e *O arquipélago* (1997), embora trace um painel da história do Rio do Grande do Sul de 1745 a 1945, ainda suscita dúvidas sobre a sua especificidade, causadas por conta das controvérsias existentes sobre o que é ou não um romance histórico, pela mudança de natureza que há entre as obras da trilogia e também pelo caráter plurilinguístico, extremamente aberto do romance, na acepção de Mikhail Bakhtin (1998), que carrega em seu bojo diversos tipos de linguagens e discursos.

Seymour Menton (1993), por exemplo, reconhece apenas *O continente* como romance histórico e descarta *O retrato* e *O arquipélago* por serem ambientados num

<sup>1</sup>\* Doutorando em Letras (Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) na Universidade de São Paulo (USP). E-mail: [donizethsantos@usp.br](mailto:donizethsantos@usp.br).

<sup>2</sup> Datas da primeira edição dos três romances. Para as citações que faremos no corpo do texto, será utilizada a 34ª edição, de 1997, da Editora Globo.

período histórico vivido pelo autor. Opinião semelhante tem Orlando Fonseca (2000) e Marilene Weinhardt (2007) que acreditam que os dois romances não podem ser considerados romances históricos *stricto sensu*, embora travem um profundo diálogo com a história gaúcha e nacional

Em oposição a esse pensamento estão Flávio Loureiro Chaves (2001) e Alcmeno Bastos (2007). Para o primeiro, a trilogia *O tempo e o vento* é essencialmente, no seu conjunto, um romance histórico, e representa a chave da resolução formal que o romance histórico brasileiro vinha procurando desde os tempos do Romantismo de Alencar. E para o segundo (Ibid., p. 96), “se *O tempo e o vento* deve ser considerado romance histórico deve sê-lo por igual e por inteiro, independentemente de os fatos contados em cada um dos volumes coincidirem ou não com a época histórica vivida pelo escritor”.

Essa controvérsia envolvendo a conceituação de *O tempo e o vento* como romance histórico ou não é causada, em grande parte, pela brecha deixada por Georg Lukács, o primeiro teórico do romance histórico, em sua obra *La novela histórica* (1966), ao introduzir Balzac entre os romancistas históricos. Essa inclusão de Balzac dá margem a se pensar que um romance para ser histórico não tenha a necessidade de ter a sua ação situada num passado distante, não vivenciado diretamente pelo autor, condição essencial do romance histórico para a grande maioria dos críticos, desde que a narrativa represente como um fato histórico afeta uma sociedade, em uma determinada época.

Vejamos então, primeiramente, a conceituação de romance histórico de Georg Lukács, que elegeu o romance histórico clássico de Walter Scott e seus seguidores como modelo padrão, aquele que a seu ver melhor representava o gênero. Nesse modelo, o romance histórico,

representa as grandes transformações da história como transformações da vida do povo. Seu ponto de partida está sempre na apresentação das influências na vida cotidiana do povo por parte das importantes modificações históricas, e na apresentação das modificações materiais e psíquicas provocadas por aquelas nos seres humanos que, sem dar-se conta de suas causas, reagem sem embargo a elas de forma imediata e veemente. Partindo dessa base, elabora as complicadas correntes ideológicas, políticas e morais que por força surgem nessas transformações. (LUKÁCS, 1966, p. 52-53)

Para Lukács importa para um romance ser histórico não a abordagem do fato histórico em si, e sim as repercussões e reações que ele provocou na vida de uma sociedade. Para ele, o importante não é como e por que aconteceu um grande fato histórico, mas as impressões que ele causou no povo, como o povo foi afetado por ele e como reagiu a ele. É por esse motivo que nesse modelo de romance histórico as personagens principais não devem ser históricas, e sim fictícias, medianas, populares, cujos destinos pessoais possam estar ligados ao destino histórico-social de uma coletividade, ou seja, que suas vivências possam ser o reflexo do destino do povo em uma determinada época, que possam reagir de forma imediata aos acontecimentos

históricos, enquanto que as personagens históricas devem ser todas secundárias, pelo fato de serem elementos que atuam diretamente na história.

Outra característica importante desse modelo de romance histórico é que ele deve oferecer uma “concreta pré-história do presente”, representando a evolução do povo através da crise do passado até chegar ao presente.

Nesse sentido, o critério utilizado por Lukács para a caracterização do romance histórico é a representação literária da história de uma sociedade em uma determinada época, centrando-se no fato de como o acontecimento histórico afeta essa sociedade e de como essa representação do passado explica o presente dessa sociedade, numa perspectiva filosófica hegeliana da história (WHITE, 1995). Desse modo, como bem observou Fredric Jameson (2007), o romance histórico deve mostrar a intersecção entre os acontecimentos históricos e as existências individuais agrupadas em sociedade.

No entanto, um problema se faz presente na conceituação de romance histórico de Lukács: a questão temporal. Não fica bem claro qual é o distanciamento temporal necessário entre o tempo de escrita da obra e o tempo da história narrada para que um romance possa ser qualificado de histórico. Ao partir dos romances de Walter Scott, ambientados na Idade Média (*Ivanhoé*) ou no século XVI (*Waverley*), Lukács dá a entender que o romance histórico seja uma narrativa de um tempo remoto, bem anterior ao tempo vivido pelo escritor. Mas ao eleger como fator determinante para a caracterização do romance histórico o modo de representação literária de como um fato histórico afeta a coletividade, Lukács coloca Balzac no grupo dos romancistas históricos, como um dos seguidores da técnica de Walter Scott, afirmando que Balzac “criou um tipo superior e até então desconhecido de romance histórico” (LUKÁCS, 1966, p.94) que é a representação do presente como história.

Embora seja uma caracterização contraditória por causa da inclusão de Balzac entre os romancistas históricos, convencionou-se, a partir de Lukács, caracterizar o romance histórico como “aquele que propõe a reconstruir um modo de vida passado e oferecê-lo como passado distante”, conforme a definição de Amado Alonso (1984, p.80). Contudo, apesar da maioria dos críticos literários aceitarem como condição básica para a conceituação de um romance como histórico que a narrativa tenha pelo menos 60% de sua ação centrada em um tempo anterior a data de nascimento do escritor, a situação ainda não apresenta um consenso absoluto. O próprio Seymour Menton, com toda a rigidez e coerência de seus critérios, em sua obra *La nueva novela histórica de la América Latina* (1993), acabou por se contradizer e inseriu na análise do novo romance histórico latino-americano o romance *Respiración artificial*, do argentino Ricardo Piglia, obra cuja ação se passa nos anos 70, na Argentina, no mesmo tempo vivido pelo escritor.

Há também as vozes discordantes. A principal delas é a de Linda Hutcheon (1991), para quem não há delimitação de tempo no romance histórico pós-moderno, que ela denomina de metaficção historiográfica, na qual a história é subvertida através da ironia e da paródia, e tanto a ação narrada pode acontecer num passado distante quanto num passado recente. Outra voz discordante é da crítica literária Magdalena Perkowska

(2008, p. 43), que inclui em seu estudo sobre o novo romance histórico latino-americano obras ambientadas em um passado recente, como *Santa Evita*, de Tomás Eloy Martínez, observando que o critério utilizado por Seymour Menton e Anderson Imbert, de que o romance histórico aborde um tempo passado, não diretamente experimentado pelo autor, se tornou um “requisito obsoleto” diante da vivência contemporânea (e pós-moderna) da história.

Retomando a nossa análise de *O tempo e o vento*, se em relação a *O continente* há uma unanimidade sobre o seu caráter histórico, já em relação a *O retrato* e *O arquipélago* sobram dúvidas e divergências.

Vejamos melhor o porquê: *O continente* aborda um período de 150 anos da história do Rio Grande do Sul, de 1745 a 1895, um período não vivenciado por Erico, que nasceu em 1905. No romance, são mostrados como os grandes acontecimentos históricos ocorridos nesse período (Tratado de Madri, A Guerra da Cisplatina, a Independência do Brasil, a Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravatura, a Proclamação da República e a Revolução Federalista de 1893) afetaram a vida da fictícia família Terra-Cambará. Nesse sentido, o romance tem seu foco não nos fatos históricos em si e sim no modo de como eles afetaram a sociedade retratada no texto. Desse modo, portanto, tanto para quem considera fundamental a distância temporal para caracterização do romance histórico, quanto para quem considera o mais importante ser o diálogo com a história e o modo de representação de como as crises históricas atingem a sociedade, independente da distância temporal, não pairam dúvidas sobre a condição de romance histórico de *O continente*.

Já em relação a *O retrato* e *O arquipélago*, que abordam o período histórico de 1910 a 1945, além das narrativas serem ambientadas num tempo experimentado pelo autor, principal motivo da exclusão desses romances da condição de romance histórico por muitos críticos, há também a mudança de perspectiva das narrativas. Embora os dois romances continuem a representar o modo de como as crises históricas afetaram os rumos da sociedade gaúcha representada pela família Terra-Cambará, essa representação vai, gradativamente, cedendo espaço para a discussão dessas crises históricas, até esta se tornar predominante, ou seja, as duas narrativas vão aos poucos ganhando contornos políticos. Outro fator relevante também é que as personagens principais começam a se tornar agentes da história e não apenas sofrer os seus efeitos, sendo que isso já ocorre no final de *O continente*, quando o republicano Licurgo Cambará conquista o poder político em Santa Fé, tornando-se o intendente da cidade.

Vejamos a observação de Regina Zilberman sobre a mudança de natureza do primeiro romance para dois os seguintes:

A história não se mostra como algo independente, transparecendo antes por meio da atividade de Rodrigo, que se torna cada vez mais um agente dela. Isso determina a mudança da natureza das obras; e, se *O continente* tinha elementos do romance histórico por incorporar a história à ação ficcional, mantendo-a, entretanto, como pano de fundo e fator de referência, *O arquipélago* complementa o que *O retrato* anunciava: é o romance de

formação (*Bildungsroman*) por deter-se na biografia do protagonista, acompanhando sua ascensão e queda, até seu derradeiro momento vital. (ZILBERMAN, 2004, p. 36)

Nesse sentido, *O retrato* tem seu foco na trajetória política de Rodrigo Cambará, filho de Licurgo. Após a morte de Júlio de Castilhos, o seu pai perde o mando político de Santa Fé e passa para a oposição e, desse modo, Rodrigo, no início de seu percurso político, torna-se um ferrenho opositor dos caciques políticos republicanos, o governador Borges de Medeiros e o senador Pinheiro Machado, e participa ativamente da campanha de Rui Barbosa à presidência do Brasil, até tornar-se um dos homens mais influentes e poderosos do Estado Novo de Getúlio Vargas e, conseqüentemente, tem sua queda, tanto política quanto pessoal, com a deposição de Vargas em 1945, no mesmo período em que sofre um infarto.

Assim ganha força na narrativa a função ideológica da literatura, considerada por Antonio Candido (2000) como a menos importante se comparada à função total e à função social, pois o discurso político emergente passa a ter cada vez mais importância no texto, enquanto que o fato histórico começa a servir como elemento desencadeador de discussões políticas. No terceiro romance da trilogia, *O arquipélago*, esse discurso político passa a ser predominante. Um exemplo são as discussões políticas diárias que acontecem no quarto do enfermo Rodrigo Cambará, entre ele, seus filhos Eduardo e Floriano, e os amigos Roque Bandeira e Terêncio Prates, sobre os rumos do país após a queda de Getúlio Vargas. Aqui é pertinente observar, a título de exemplificação, o diálogo entre Rodrigo e Floriano sobre a eleição do sucessor do ex-presidente, quando o pai pergunta ao filho:

- E tu? Não te pergunto em quem vais votar porque és um homem sem compromissos. Nem esquerda nem direita nem centro. Sempre au-dessus de la mêlée, não? Uma posição muito cômoda.  
Floriano sente quatro pares de olhos postos nele.  
- É curioso – diz, esforçando-se por falar com naturalidade – que tanto o meu pai, homem do Estado Novo, como o meu irmão, marxista e comunista militante, pensem da mesma maneira com relação à minha atitude diante dos problemas políticos e sociais. Para um comunista, a pessoa que ‘não se define’ é aquela que ainda não entrou para o P.C. Para o meu pai, homem de paixões, as coisas políticas e sociais são pretas ou brancas. Temos de escolher a nossa bandeira e matar ou morrer por ela. Só um intelectual decadente (acha ele) pode perder-se nos matizes, nos meios-tons. Certo ou errado, o importante para o macho é comprometer-se e participar da luta. Ora, eu chamo a isso ‘raciocínio glandular’! (VERISSIMO, 1997, p. 217-218)

Outro aspecto também a ser considerado é o caráter conclusivo de *O continente*, dado que o torna independente em relação a *O retrato* e *O arquipélago*, que precisam da existência um do outro e também do primeiro para existirem e por isso são inconclusivos. Aqui é importante lembrar a distinção que Alcmenon Bastos faz entre o romance

histórico e o romance político, atribuindo ao primeiro um caráter conclusivo e ao segundo um caráter inconclusivo:

O romance histórico tem um caráter de representação ficcional *conclusa* – a narrativa se completa, no sentido de não restarem pendências estóricas, e são comuns, por exemplo, os epílogos informativos sobre o destino final das personagens, tanto daquelas reconhecidamente de extração histórica quanto das personagens inteiramente inventadas –, enquanto o romance político se caracteriza pelo final *inconcluso*, se não no que diz respeito ao destino do protagonista, que pode até morrer, ao menos no que respeita ao drama político em que ele se viu envolvido e que deu sentido à sua trajetória existencial. (BASTOS, 2000, p.13)

Outra distinção entre ambos feita por Bastos (1999, p. 152) se dá com base nos cronotopos do “ali e outrora” (romance histórico) e “aqui e agora” (romance político), em que o autor outorga a remotividade ao romance histórico em contraposição à contemporaneidade do romance político. A diferenciação feita por Alcmeno Bastos, atribuindo um caráter conclusivo e fechado ao romance histórico em razão de sua remotividade e um caráter inconclusivo e aberto ao romance político devido a sua contemporaneidade, vai ao encontro da concepção filosófica da história de Benedetto Croce (apud. WHITE, 1995, p. 402), de que o historiador não poderia qualificar o presente como história pelo fato do próprio historiador estar envolvido em um processo ainda incompleto, entendendo que o *status* de história só poderia ser aplicado ao processo concluído, ou seja, quando já fizesse parte do passado.

Dessa forma, se analisarmos *O retrato* e *O arquipélago* separados de *O continente*, ou em contraposição a ele, levando em consideração o peso que o questionamento político tem nos dois romances e o caráter inconclusivo que possuem, e à luz da definição de romance político de Irving Howe (1998, p.5), que o conceitua como uma obra em que “as ideias políticas têm papel dominante”, e da diferenciação entre romance histórico e romance político estabelecida por Alcmeno Bastos, constataremos que ambos são romances políticos que se utilizam da matéria de extração histórica<sup>3</sup> para realizarem uma reflexão política do tempo presente, ou seja, neles a história serve como elemento causador de grandes e profundas discussões ideológicas, viabilizadas pelo autor através da utilização da polifonia bakhtiniana (BAKHTIN, 1997), além de que abordam um período vivido pelo autor, o aqui e agora, e apresentam um caráter inconclusivo.

No entanto, se analisarmos a trilogia como um conjunto uniforme, como propõem Alcmeno Bastos e Flávio Loureiro Chaves, constataremos que os três

<sup>3</sup> Termo utilizado por Alcmeno Bastos (2000, p.9) para designar “a matéria objeto de alguma forma de registro documental, escrito ou não, de que resulta permanecer na memória coletiva de uma determinada comunidade. A matéria de extração histórica, para merecer tal designativo, deve apresentar satisfatório grau de familiaridade para um leitor medianamente informado e poder ser recuperada mediante processo alusivo.

romances juntos apresentam as principais características do romance histórico lukacsiano, pois o conjunto da obra traça um grande painel histórico, mostrando as transformações da história como transformações da vida do povo, valendo-se de personagens fictícias na análise que empreende dos acontecimentos históricos, e, principalmente, apresenta a pré-história (*O continente*) da história do presente (*O retrato* e *O arquipélago*). Aqui é pertinente evocarmos a observação feita por Regina Zilberman, após comentar o fato de que o preconceito de Lukács o impediu de inserir na análise do romance histórico a monumental obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*:

Lukács talvez não tivesse recusado, porém, a trilogia de Erico Verissimo (1905-1975), *O Tempo e o Vento*, que incorpora à sua estrutura vários dos traços estimados por ele.

A começar pelo período, pois, ainda que *O Tempo e o Vento* cubra duzentos anos da história do Rio Grande do Sul, abrindo a narrativa em 1745 e encerrando-a em 1945, o que Verissimo deseja entender e explicar são sobretudo as décadas correspondentes ao século XX, com ênfase no período da ditadura de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945. A matéria de *O continente* corresponde, pois a um grande prólogo, detendo-se o escritor nos preparativos que levarão a dois fenômenos históricos:

- A tomada do poder por uma determinada classe social, a dos grandes proprietários rurais do Rio Grande do Sul que, formados conforme um ideário liberal, acabam contradizendo seu passado intelectual e, aproveitando o momento converteu-se na classe dirigente que comandou o Estado por mais de cinquenta anos e o País por quase vinte;
- A proeminência que o Rio Grande do Sul passa a deter na política brasileira, já que os principais líderes em evidência no período retratado, como Pinheiro Machado, Luís Carlos Prestes e Getúlio Vargas, todos referidos na obra, procedem daquela região.

Erico Verissimo afina-se ao gênero escolhido por Lukács porque não pretende redigir o romance da Revolução de 30 ou da Era Vargas. Seu objeto é a trajetória da família Terra Cambará, com ênfase da vida de Rodrigo Terra Cambará, matéria de *O retrato* e de considerável parte dos três volumes de *O arquipélago*. Ele incorpora o ideal da figura mediana, com suas virtudes e defeitos, sucessos e fraquezas, amores e frustrações. (ZILBERMAN, 2003, p. 135-136)

Dessa forma, Erico procura entender a sociedade gaúcha contemporânea através da história do seu surgimento, encaixando-se no ideário de Lukács (1966, p. 284), para quem “a verdadeira compreensão dos problemas da sociedade contemporânea (do autor) só pode dar-se a partir da compreensão da pré-história da história do surgimento dessa sociedade”, e assim *O tempo e o vento*, enquanto trilogia, constitui-se essencialmente como romance histórico, como pensa Flávio Loureiro Chaves, cuja leitura se aproxima

do pensamento de Regina Zilberman, pois, para ele, na estrutura temporal da trilogia “o passado é reconstruído como uma possibilidade de esclarecer o presente” (2001, p.95).

Nesse sentido, se analisada como uma unidade, não vemos motivo para não considerar a trilogia como um romance histórico, pois o único empecilho seria a questão temporal, mas, como já vimos anteriormente, esse critério é mais que discutível, pois o próprio Lukács considerou Balzac, um romancista que ambientava seus romances num tempo vivido por ele, como romancista histórico.

Desse modo, à guisa de conclusão deste artigo, é possível afirmar que enquanto unidade a trilogia *O tempo e o vento* pode ser sim considerada como um romance histórico. No entanto, se separamos os três romances somente o primeiro, *O continente*, poderá ter o *status* de romance histórico, ficando *O retrato* e *O arquipélago* relegados à condição de romances políticos. E assim, a nosso ver, *O tempo e o vento*, como um todo, é um romance histórico mas também é um romance político.

Para finalizar, citamos um trecho de *O arquipélago*, no qual a personagem/escritor Floriano Cambará discute com seu amigo Roque Bandeira a elaboração de um romance sobre a história do Rio Grande do Sul que, na verdade, é a própria trilogia, conforme ficamos sabendo no fim da narrativa:

- Já avaliaste os perigos que, do ponto de vista artístico e literário, uma história dessa amplitude envolve? Pintar um mural num paredão de tempo assim tão extenso, palavra, me parece uma tarefa não só difícil como também ingrata. /.../ Outra dificuldade danada vai ser a da seleção das personagens e dos episódios, principalmente dos históricos. Enquanto se tratar do passado remoto, tanto do Rio Grande como da tua família, tudo estará bem. A bruma do tempo, a escassez de informações, a qualidade épica daquele período da nossa História... as bandeiras, as arriadas, as guerras de fronteira, a vida rude e simples... tudo isso te ajudará /.../ Mas à medida que tu fores te aproximando dos tempos modernos, ficarás confundido e desorientado pela abundância de material, pela riqueza de sugestões e informações /.../ e também pelo fato de passares a ser, tu mesmo, uma testemunha da História. (VERÍSSIMO, 1997, p. 750)

Esse trecho, de certa forma, antecipa as dúvidas sobre a especificidade da obra.

## REFERÊNCIAS

ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la novela histórica*. Madrid: Gredos, 1987.  
BAKHTIN. Mikhail. *Problemas na poética de Dostoievski*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Forense, 1997.  
\_\_\_\_\_. *Questões de estética e literatura* (A teoria do romance). 4 ed. Trad. Aurora Fornoni. São Paulo: Ed. UNESP, Hucitec, 1998.



- BASTOS, Alcmeno. *A história foi assim: o romance político brasileiro nos anos 70/80*. Rio de Janeiro: Caetés, 2000.
- \_\_\_\_\_. Ali e outrora, aqui e agora: romance histórico e romance político. In: LOBO, Luiza. (Org.) *Fronteiras da literatura. Discursos transculturais 2*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao romance histórico*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2007.
- BORDINI, Maria da Glória ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento – história, invenção e metamorfose*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *O escritor e o seu tempo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.
- FONSECA, Orlando. O retrato e a identidade. In: GONÇAVES, Robson Pereira. *O tempo e o vento: 50 anos*. Santa Maria: UFSM, Bauru: EDUSC, 2000. p. 177-146
- HOWE, Irving. *A política e o romance*. Trad. Margarida Goldszajn. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- JAMESON, Fredric. O romance histórico ainda é possível? *Novos estudos CEBRAP*. São Paulo, nº 77, p. 185-203, mar. 2007.
- LUKÁCS, Georg. *La novela histórica*. Mexico: Era, 1966.
- PERKOWSKA, Magdalena. *Historias híbridas: la nueva novela histórica latinoamericana (1985-2000) ante las teorías posmodernas de la historia*. Madrid: Iberoamericana, Frankfurt: Vervuert, 2008.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica de la América Latina. 1979-1992*. México: FCE, 1993.
- VERISSIMO, Erico. *O arquipélago*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O continente*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.
- \_\_\_\_\_. *O retrato*. 34 ed. São Paulo: Globo, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. O romance histórico – teoria & prática. In: BORDINI, Maria da Glória. (org). *Lukács e a literatura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 109-139.
- WEINHARDT, Marilene. Figurações da história em *O tempo e o vento*. SEMINÁRIO DO CELLIP, 18, 2007, Ponta Grossa. *Anais*. Ponta Grossa: UEPG, 2007.
- WHITE, Hayden. *Meta-história*. Trad. J. L. Melo. São Paulo: EDUSP, 1995.